



SENADO FEDERAL

MENSAGEM Nº 101, DE 2016

(nº 586/2016, na origem)

Submete à apreciação do Senado Federal, de conformidade com o art. 52, inciso IV, da Constituição Federal, e com o art. 39, combinado com o art. 46 da Lei nº 11.440, de 29 de dezembro de 2006, o nome do Senhor CLAUDIO RAJA GABAGLIA LINS, Ministro de Segunda Classe da Carreira de Diplomata do Ministério das Relações Exteriores, para, cumulativamente com o cargo de Embaixador do Brasil na República Islâmica do Paquistão, exercer o cargo de Embaixador do Brasil na República Islâmica do Afeganistão.

AUTORIA: Presidente da República

DOCUMENTOS:

- [Texto da mensagem](#)



[Página da matéria](#)

Mensagem nº 586

Senhores Membros do Senado Federal,

De conformidade com o art. 52, inciso IV, da Constituição, e com o art. 39, combinado com o art. 46 da Lei nº 11.440, de 29 de dezembro de 2006, submeto à apreciação de Vossas Excelências a escolha, que desejo fazer, do Senhor CLAUDIO RAJA GABAGLIA LINS, Ministro de Segunda Classe da Carreira de Diplomata do Ministério das Relações Exteriores, para, cumulativamente com o cargo de Embaixador do Brasil na República Islâmica do Paquistão, exercer o cargo de Embaixador do Brasil na República Islâmica do Paquistão, e na República Islâmica do Afeganistão.

Os méritos do Senhor Claudio Raja Gabaglia Lins que me induziram a escolhê-lo para o desempenho dessa elevada função constam da anexa informação do Ministério das Relações Exteriores.

Brasília, 25 de outubro de 2016.

Brasília, 21 de Outubro de 2016

Excelentíssimo Senhor Presidente da República,

De acordo com o artigo 84, inciso XXV, da Constituição Federal, e com o disposto no artigo 39, combinado com o artigo 46, da Lei nº 11.440, de 29 de dezembro de 2006, submeto à apreciação de Vossa Excelência o nome de CLAUDIO RAJA GABAGLIA LINS, Ministro de Segunda Classe da Carreira de Diplomata do Ministério das Relações Exteriores, para, cumulativamente com o cargo de Embaixador do Brasil na República Islâmica do Paquistão, exercer o cargo de Embaixador do Brasil na República Islâmica do Afeganistão.

2. Encaminho, anexos, informações sobre os países e curriculum vitae de CLAUDIO RAJA GABAGLIA LINS para inclusão em Mensagem a ser apresentada ao Senado Federal para exame por parte de seus ilustres membros.

Respeitosamente,

Assinado eletronicamente por: José Serra

Aviso nº 673 - C. Civil.

Em 25 de outubro de 2016.

A Sua Excelência o Senhor
Senador VICENTINHO ALVES
Primeiro Secretário do Senado Federal

Assunto: Indicação de autoridade.

Senhor Primeiro Secretário,

Encaminho a essa Secretaria Mensagem com a qual o Excelentíssimo Senhor Presidente da República submete à consideração dessa Casa o nome do Senhor CLAUDIO RAJA GABAGLIA LINS, Ministro de Segunda Classe da Carreira de Diplomata do Ministério das Relações Exteriores, para, cumulativamente com o cargo de Embaixador do Brasil na República Islâmica do Paquistão, exercer o cargo de Embaixador do Brasil na República Islâmica do Paquistão, e na República Islâmica do Afeganistão.

Atenciosamente,

ELISEU PADILHA
Ministro de Estado Chefe da Casa Civil
da Presidência da República

INFORMAÇÃO

CURRICULUM VITAE

MINISTRO DE SEGUNDA CLASSE **CLAUDIO RAJA GABAGLIA LINS**

CPF.: 709.001.597-15

ID.: 42412296 IFP - RJ

1960 Filho de Claudio Marinho Lins e Lucilia Raja Gabaglia Lins, nasce em 18 de maio, no Rio de Janeiro/RJ

Dados Acadêmicos:

1983 Direito pela Faculdade de Direito Cândido Mendes/RJ
1985 CPCD - IRBR
1991 Mestrado em Literatura, Universidade de Brasília/DF
1994 Diplôme D'Études Approfondies, Literatura, Université de Paris IV - Sorbonne, Paris/FR
1994 CAD – IRBR
2007 CAE - IRBR, Experiências de Coordenação. O Sistema Italiano de Apoio às Exportações: Comparação com o Brasil

Cargos:

1986 Terceiro-Secretário
1991 Segundo-Secretário
1999 Primeiro-Secretário, por merecimento
2004 Conselheiro, por merecimento
2008 Ministro de Segunda Classe, por merecimento

Funções:

1986-89 Divisão de América Meridional II, Assistente
1989-90 Departamento Cultural, Assessor
1990-92 Divisão de Cooperação Intelectual, Assistente
1992-95 Delegação junto à UNESCO, Paris, Segundo-Secretário
1995-98 Embaixada em Assunção, Segundo-Secretário
1998-2001 Subsecretaria-Geral de Assuntos de Integração, Econômicos e de Comércio Exterior, Assessor
2002-05 Embaixada em Roma, Primeiro Secretário e Conselheiro
2005-08 Embaixada em Túnis, Conselheiro, Ministro-Conselheiro, comissionado
2008-10 Divisão da Europa I, Chefe
2010-15 Subsecretaria-Geral de Assuntos Políticos - II, Chefe do Gabinete
2012 Embaixada em Tegucigalpa, Encarregado de Negócios em missão transitória até 15/12/2012
2013-14 Embaixada em Roseau, Encarregado de Negócios em Missão Transitória até 20 de janeiro de 2014
2015 Embaixada em Islamabad

Condecorações:

1986 Prêmio Lafayette de Carvalho e Silva, IRBr, primeiro lugar no Concurso de Admissão à Carreira de Diplomata
1999 Medalha do Mérito Tamandaré, Brasil
2000 Légion d'Honneur, França, Oficial
2009 Ordine della Stella della Solidarietà Italiana, Itália, Cavaleiro.
2009 Légion d'Honneur, França, Oficial.
2010 Ordem do Rio Branco, Brasil, Grande Oficial

PAULA ALVES DE SOUZA

Diretora do Departamento do Serviço Exterior

MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES
SUBSECRETARIA-GERAL POLÍTICA II
Departamento da Ásia Central, Meridional e Oceania (DACMO)
Divisão da Ásia Central (DASC)

AFEGANISTÃO



INFORMAÇÃO OSTENSIVA **Mai de 2016**

DADOS BÁSICOS

NOME OFICIAL	República Islâmica do Afeganistão
CAPITAL	Cabul
ÁREA	647.500 km²
POPULAÇÃO (2016)	33,381 milhões
LÍNGUAS OFICIAIS	pastó e persa dari
PRINCIPAIS RELIGIÕES	Muçulmana (99% - cerca de 80 a 85% sunita, 15 a 20% xiita) e minorias cristã, hindu, budistas.
SISTEMA DE GOVERNO	Republica Islâmica
CHEFE DE ESTADO	Presidente Ashraf Ghani (eleito em 2014)
CHEFE DO EXECUTIVO	Abdullah Abdullah
PRESIDENTE DO SUPREMO TRIBUNAL	Abdul Salam Azimi
MINISTRO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS	Salahuddin Rabbani
PIB nominal (2014)	US\$ 20.44 bilhões (est.2015 - US\$19.20)
PIB PPP (2014)	US\$ 60.81 (est. 2015 - US\$ 60.32)
PIB nominal per capita (2014)	US\$ 654,00 (est. 2015 - US\$ 600,00)
PIB PPP per capita (2014)	US\$ 1944,00 (est. 2015 - US\$ 1947,00)
VARIAÇÃO DO PIB (2014)	1,28% (est. 2015 – 1,47%)
IDH (2014)	0,4
EXPECTATIVA DE VIDA (2014)	52 anos
ÍNDICE DE ALFABETIZAÇÃO (2014)	28.1%
ÍNDICE DE DESEMPREGO (2015)	40 %
UNIDADE MONETÁRIA	Afegane (AFN)
EMBAIXADOR DO AFGANISTÃO NO BRASIL	Hamdullah Mohib (embaixador cumulativo, residente em Washington)
EMBAIXADOR DO BRASIL NO AFGANISTÃO	Claudio Raja Gabaglia Lins (embaixador cumulativo, residente em Islamabad)
COMUNIDADE BRASILEIRA ESTIMADA	Não há registros

Fontes: Banco Mundial e PNUD

INTERCÂMBIO BILATERAL (US\$ milhões Fob) - Fonte: MDIC

Brasil→ Afeganistão	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016 (Jan-Abr)
Intercâmbio	2,99	3,88	7,9	8,8	8,3	11,6	8,4	12,711	12.631	7.014	2.018
Exportações	2,7	3,3	7,7	8,7	8,3	10,9	8,3	12,468	11.721	6.733	1.962
Importações	0,29	0,58	0,2	0,1	0,036	0,7	0,122	243,3	909.7	280.8	56.0
Saldo	2,39	2,7	7,5	8,6	8,3	10,1	8,24	12,225	10.8	6.452	1.906

APRESENTAÇÃO

A República Islâmica do Afeganistão é um país mediterrâneo, localizado entre a Ásia Meridional e a Ásia Central. O país faz fronteiras com o Paquistão ao sul e a leste, com o Irã a oeste, com Turcomenistão, Uzbequistão e Tajiquistão ao norte e com a China a nordeste. Sua população é de aproximadamente 32 milhões de pessoas.

PERFIS BIOGRÁFICOS

presidente Mohammad Ashraf Ghani



Mohammad Ashraf Ghani nasceu em 1949 (67 anos) na Província de Logar e cresceu no Afeganistão, mas foi educado no exterior. Invasões estrangeiras e a guerra civil levaram sua família a ser perseguida, forçando-o a viver no exílio. Apesar dessas circunstâncias, Ghani tornou-se proeminente intelectual em Ciência Política e Antropologia.

Em 1991, começou a trabalhar para o Banco Mundial como antropólogo, lá permanecendo por 11 anos. Após a queda do regime Talibã, em 2001, Ghani retornou ao Afeganistão, com o objetivo de trabalhar na reconstrução do país. Foi assessor do presidente Hamid Karzai e serviu como ministro das Finanças até dezembro de 2004.

Durante o tempo em que esteve à frente desse Ministério, Ghani formulou pacotes de reforma administrativa para a modernização e a transparência dos serviços públicos e financeiros no país e deu início a diversos programas de investimento público que tiveram impacto positivo sobre a população afegã.

Ghani, entretanto, decidiu não participar do governo que tomou posse em 2004. Permaneceu, ainda assim, como uma personalidade influente nos círculos políticos afegãos e também no exterior.

Em 2010, desempenhou a função de presidente do “Transition Coordination Commission” (TCC), que foi responsável pela transferência da autoridade das tropas estrangeiras para as forças nacionais. Deixou a TCC para concorrer à Presidência em outubro de 2013, eleições nas quais foi declarado vencedor em 22 de setembro de 2014.

Abdullah Abdullah - Chefe do Executivo



Abdullah Abdullah, nascido em 1960 (56 anos) em Cabul é o Chefe do Executivo da República Islâmica do Afeganistão. Ocupou numerosas posições proeminentes durante sua extensa carreira política.

Dentre as funções desempenhadas por Abdullah, destacam-se a de vice-ministro das Relações Exteriores em 1996 e de ministro das Relações Exteriores em 1998. Foi novamente ministro das Relações Exteriores em 2001. Serviu como ministro das Relações Exteriores até 2006, quando passou a desempenhar a função de Secretário-Geral da Massoud Foundation.

Abdullah concorreu à Presidência em 2009, tendo sido o segundo colocado no primeiro turno. Posteriormente, fundou o “National Coalition of Afghanistan” (NCA), que se constituiu na única força de oposição democrática ao presidente eleito Hamid Karzai.

Em 2014, candidatou-se novamente à Presidência, tendo vencido no primeiro turno. Devido a dificuldades enfrentadas no segundo turno, houve acordo entre os dois candidatos remanescentes. Por meio desse acordo, formou-se o Governo de Unidade Nacional, com Ashraf Ghani como presidente e Abdullah como Chefe do Executivo.

Salahuddin Rabbani
Ministro das Relações Exteriores



Salahuddin Rabbani nasceu em 1971 (45 anos) Cabul. Formou-se em Administração e Marketing na Arábia Saudita em 1995. Trabalhou por curto período no Departamento Financeiro da companhia petrolífera saudita Aramco, antes de mudar-se para os Emirados Árabes Unidos, em 1996. Rabbani tem Mestrado em Administração e Negócios pela Kingston University, no Reino Unido.

Em 2000, Rabbani ingressou no Ministério das Relações Exteriores, ocupando o cargo de Conselheiro Político na Missão Permanente do Afeganistão junto às Nações Unidas, em Nova York. Durante esse período, representou o Afeganistão no Primeiro Comitê da Assembleia Geral das Nações Unidas para o Desarmamento e a Segurança Internacional e também cobriu numerosos assuntos relacionados à paz e à segurança internacional junto ao Conselho de Segurança.

Em 2006, deixou o Ministério das Relações Exteriores para cursar uma segunda pós-graduação, em Assuntos Internacionais, na Columbia University School of International and Public Affairs. Completado o curso, em 2008, voltou ao Afeganistão, para trabalhar como Conselheiro Político de seu pai, o ex-presidente Burhanuddin Rabbani, figura política de proa e líder do partido Jamiat-e-Islami.

Em 2010, Rabbani foi designado embaixador do Afeganistão para a Turquia. Após o trágico assassinato de seu pai, em 2011, Rabbani foi eleito líder do Jamiat-e-Islami e, em março de 2012, foi designado presidente do “Afghan High Peace Council”.

Rabbani foi designado pelo presidente Ashraf Ghani como ministro das Relações Exteriores em janeiro de 2015 e tomou posse em fevereiro.

RELAÇÕES BILATERAIS

O Brasil restabeleceu suas relações diplomáticas com o Afeganistão em 2004 e os dois países decidiram abrir embaixadas residentes, reciprocamente, em 2010. O Afeganistão inaugurou sua embaixada em Brasília em 2012, mas a abertura da embaixada brasileira em Cabul não foi possível, em razão de restrições orçamentárias e também em virtude das condições de segurança locais. Por decisão do Governo afegão, sua embaixada em Brasília foi afinal fechada, no final de 2015, e, pelo Decreto 8646/16, a embaixada do Brasil em Cabul voltou a ser cumulativa com a embaixada em Islamabad.

O Brasil acompanha atentamente a situação no Afeganistão e apoia os esforços no âmbito das Nações Unidas para a reconciliação e a reconstrução do país. O Governo brasileiro está convencido de que a estabilidade naquele país deve ser alcançada através de uma combinação de diálogo político e desenvolvimento econômico. É fundamental, nesse contexto, que haja uma coordenação de esforços nos níveis multilateral e regional.

Em reiteradas Notas à Imprensa, o Itamaraty tem manifestado sua solidariedade ao povo afegão frente aos atos terroristas do Talibã, que tem provocado dezenas de vítimas inocentes, inclusive mulheres e crianças.

A cooperação técnica é uma das áreas mais importantes do relacionamento bilateral, especialmente no campo da agricultura. Pode-se mencionar o projeto "Fortalecimento da Extensão Rural no Afeganistão" oferecido pela Universidade Federal de Lavras, com apoio da Agência Brasileira de Cooperação. O curso, previsto para realizar-se entre os dias 30 de maio e 10 de junho de 2016, está sendo oferecido a seis técnicos indicados pelo Ministério da Agricultura do Afeganistão.

O comércio bilateral permanece em níveis muito modestos. O seu incremento depende de uma evolução positiva da situação política e de segurança no Afeganistão.

Em 2015, o valor total do comércio bilateral Brasil-Afeganistão foi de pouco mais de US\$ 7 milhões, sendo a quase totalidade referentes às exportações brasileiras. As importações brasileiras do Afeganistão incluem, principalmente, frutas. As exportações brasileiras ao Afeganistão incluem carne de frango e de gado, bem como papel. Até abril de 2016, o volume de comércio entre Brasil e Afeganistão foi de aproximadamente US\$ 2 milhões, repetindo-se a situação de grande vantagem para as exportações brasileiras.

POLÍTICA INTERNA

No final do século XIX, o Afeganistão tornou-se um estado-tampão no jogo de forças entre a Índia colonial britânica e o Império Russo. Após a terceira guerra anglo-afegã, em 1919, o Rei Amanullah tentou, sem sucesso, modernizar o país, que permaneceu muitos anos sem maiores perspectivas de desenvolvimento. Uma série de golpes nos anos 1970, seguidos de guerras civis, devastaram o Afeganistão.

A União Soviética ocupou o Afeganistão de 1979 a 1988, impondo uma sangrenta ditadura. A retirada soviética ensejou nova guerra civil no país. Em 1996, o Talibã assumiu o poder e instalou um regime fundamentalista islâmico, derrubado, em 2001, após a intervenção norte-americana. Assumiu o poder, provisoriamente, Hamid Karzai.

As eleições presidenciais afegãs de 2004 foram relativamente pacíficas e Hamid Karzai ganhou em primeiro turno com 55,4% dos votos. Entretanto, as eleições presidenciais de 2009 caracterizaram-se pela falta de segurança, baixo comparecimento de eleitores e fraudes em larga escala. As eleições tiveram lugar em agosto de 2009, mas o resultado ficou pendente por um longo período, para recontagem dos votos e apuração de fraudes.

Dois meses depois, sob pressão internacional, foi anunciado um segundo turno de votação entre Hamid Karzai e Abdullah Abdullah. Este último anunciou, dias depois, que não participaria do segundo turno porque suas demandas de mudanças na Comissão Eleitoral não haviam sido atendidas. No dia seguinte, a Comissão cancelou o segundo turno e declarou Hamid Karzai presidente, com um mandato de cinco anos.

Após tomar posse, o presidente Karzai promoveu demissões de vários “warlords”. Esse movimento parecia indicar que o Governo Karzai seria agressivamente reformista. Essa expectativa, contudo, não se confirmou e o governo foi mais cauteloso que o esperado. Ainda que excessivamente dependente de ajuda externa, durante o governo Karzai a economia afegã começou a apresentar sinais de recuperação e de crescimento.

Nas eleições parlamentares de 2005, entre os eleitos figuravam “mujahideens”, fundamentalistas islâmicos, “warlords”, comunistas, reformistas e diversos atores associados com o movimento Talibã. Como fator positivo, deve-se assinalar que, no mesmo período, o Afeganistão atingiu a marca de 30º nação em termos de representação feminina no Parlamento.

As últimas eleições parlamentares ocorreram em setembro de 2010, mas, devido a disputas e fraudes, a cerimônia de posse somente ocorreu em janeiro de 2011.

As eleições presidenciais de 2014 foram vencidas por Ashraf Ghani, com 56,44% dos votos. Os resultados das urnas foram contestados por seu concorrente Abdullah Abdullah. Em 19 de setembro daquele ano, Ashraf Ghani e Abdullah Abdullah firmaram um compromisso segundo o qual Ghani foi reconhecido na Presidência, mas Abdullah conseguiu manter considerável esfera de influência, no cargo de Chefe do Executivo. Como resultado, o governo Ghani já se iniciou sob a égide da divisão. A fragilidade política do presidente tem-se acentuado ainda mais, devido a uma convergência de fatores: os efeitos da guerra civil, com as sucessivas vitórias militares alcançadas pelo Talibã; a incapacidade de solucionar a crise econômica; o desgaste ocasionado pelo fracasso de decisões de política externa, como a de buscar aproximação com Islamabad.

Devem ser creditados a Ghani esforços de combate à corrupção e ao narcotráfico. A corrupção é apontada como um dos maiores problemas afegãos. Um estudo do Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crimes (UNODC), de janeiro de 2010, revelou que propinas respondiam por um montante equivalente a 23% do PIB nacional. Ainda que o ex-presidente Karzai tenha prometido combater o problema em 2009, afirmando que “corruptos não terão lugar no governo”, funcionários de alto escalão foram acusados de desviar centenas de milhares de dólares por meio do Kabul Bank. De acordo com o índice de percepção de corrupção da “Transparency International”, em 2014 o Afeganistão era tido como o quarto país mais corrupto do mundo. O narcotráfico, importante vetor da corrupção no país, constitui verdadeira indústria paralela. Parte do próprio estamento governamental, em Cabul e nas províncias, estaria ativamente envolvida na sua exploração.

A situação do país adquire contornos cada vez mais críticos, com milhões de afegãos deslocados internamente pela guerra e elevadíssimos níveis de desemprego. A guerra e a falta completa de perspectivas levam muitos afegãos a buscar refúgio em países vizinhos e na Europa. O Paquistão e o Irã contam, respectivamente, com cerca de três milhões de refugiados afegãos, muitos sem documentação. Os países europeus vêm adotando medidas fortemente restritivas contra a entrada de afegãos, que constituem o segundo maior contingente de refugiados após os sírios.

O Afeganistão é membro da ONU desde 1946. O Estado tem relações próximas com grande número de países da OTAN e seus aliados, em especial, os Estados Unidos, o Reino Unido, a Alemanha e a Turquia. Em 2012, os Estados Unidos designaram o Afeganistão como “major non-NATO ally” e criaram o Acordo de Parceria Estratégica Estados Unidos-Afeganistão. O Afeganistão mantém, de forma geral, boas relações com os vizinhos Irã, Turcomenistão, Uzbequistão, Tadjiquistão e China, bem como com outros países da Ásia, como Índia, Bangladesh, Nepal, Cazaquistão, Rússia, Emirados Árabes Unidos, Arábia Saudita, Iraque, Japão e Coreia do Sul. As relações com o Paquistão são tensas: o Afeganistão acusa o país vizinho de abrigar santuários de terroristas afegãos em seu território.

A “United Nations Assistance Mission in Afghanistan” – UNAMA – foi estabelecida em 2002, sob a égide da Resolução 1401 do Conselho de Segurança, com o objetivo de ajudar na recuperação do país após décadas de guerra. Adicionalmente, cerca de 12 mil soldados de países-membros da OTAN fazem parte da missão “Resolute Support”, que, desde janeiro de 2015, presta apoio militar ao combatido Exército afegão. Seu principal objetivo é treinar as Forças de Segurança Nacional do Afeganistão – ANSF – que estão sob o comando do Ministério da Defesa e que compreendem o Exército e a Força Aérea afegãos.

O presidente Ashraf Ghani, logo no início de seu mandato, procurou ativamente aproximar-se do Paquistão, buscando reverter a relação hostil mantida por seu predecessor Hamid Karzai. A despeito de sucessivos apelos de Ghani, aos quais se somaram pressões norte-americanas, o Paquistão jamais renunciou à prática de apoiar insurgentes do Talibã afegão hospedados em seu território, em regiões próximas à porosa fronteira com o país vizinho. O apoio de Islamabad estende-se à rede Haqqani, uma das mais agressivas facções do Talibã afegão.

Em 19 de abril do corrente ano, um violento atentado em Cabul vitimou 64 pessoas e feriu cerca de 350. O atentado, segundo o governo afegão, foi planejado a partir de território paquistanês, e marcou mudança de posição de Ghani, que ameaçou apresentar queixa formal ao Conselho de Segurança da ONU, se o Paquistão não tomar medidas efetivas contra os líderes talibãs que encontram guarida em seu território.

O Paquistão, por sua vez, não dá sinal de que combaterá os insurgentes talibãs, mas admite que lhes presta apoio. Sartaj Aziz, o influente assessor para política externa do primeiro-ministro Nawaz Sharif, reconheceu, pela primeira vez, que o Paquistão exerce influência sobre os combatentes em seu território, mas negou que consiga ter controle sobre suas decisões.

A despeito da duplicidade de sua política, o Paquistão segue sendo ator incontornável na crise afegã. Integra o Grupo de Coordenação Quadrilateral, formado por Paquistão, Afeganistão, China e Estados Unidos, criado para discutir e mediar a situação no Afeganistão. O Grupo foi constituído em 9 de dezembro último, em Islamabad, na quinta “Conferência do Coração da Ásia”, que congregou 31 países para discutir formas de apoio ao Afeganistão. O Grupo de Coordenação Quadrilateral veio a reunir-se novamente em 18 de janeiro, em Cabul, e em 6 de fevereiro, em Islamabad. Entretanto, seus esforços para levar o Talibã afegão à mesa de negociações vêm-se mostrando infrutíferos.

No ano passado, o Talibã ceifou a vida de 26% mais vítimas militares e civis do que em 2014 e ocupa, hoje, mais território do que em qualquer outro momento, desde que foi apeado do poder em 2001.

O atentado em Cabul, em 19 de abril, marcou o início da chamada ofensiva da primavera do Talibã afegão. O movimento insurgente poderá, no decorrer deste ano, consolidar sua penetração em diversas regiões do país, conseguindo dessa forma, senão uma vitória militar completa, pelo menos um considerável poder de barganha, caso decida sentar-se à mesa de negociações com o governo afegão.

O equilíbrio de forças entre o exército afegão e os aliados da OTAN, por um lado, e o Talibã, por outro, é extremamente precário. O exército afegão, sozinho, seria presa fácil do Talibã, mas, com o apoio da “Resolute Support Mission” da OTAN, consegue resistir. Não há, de parte dos Estados Unidos e dos demais aliados integrantes da força da OTAN, disposição para incrementar os efetivos, e, de qualquer forma, um número muito maior de tropas não foi suficiente para vencer a insurgência no passado. A

"Resolute Support Mission" tornou-se um anacronismo, que acaba servindo aos interesses da China e, em menor medida, aos de outros atores do entorno regional, como a Índia, a Rússia e o Irã. Esses países, não fosse pela presença da OTAN, teriam de redimensionar inteiramente sua política para o Afeganistão, e com custos muito maiores, a fim de atender a seus interesses nacionais.

Fator complicador, nesse intrincado tabuleiro, é que o Talibã não é um movimento unido, e sim, e cada vez mais, um caleidoscópio de facções. A maior parte delas parece seguir o comando do Mulá Mansour, novo líder após o anúncio, no ano passado, da morte do líder histórico do movimento, o Mulá Omar. Mas existem tendências internas conflitantes, com maior ou menor propensão à negociação. Todo esse quadro contribui para explicar o insucesso dos esforços do Grupo Quadrilateral, até o momento, em trazer o Talibã para a mesa de negociações.

A China, de resto, tornou-se presença constante e de peso preponderante nas negociações com o Talibã. Teve papel proativo, e muito construtivo, tanto na conformação do Grupo Quadrilateral quanto nas discussões na reunião do dia 6 de fevereiro. Aquele país do extremo Oriente, e, em menor medida, o Paquistão serão provavelmente os principais responsáveis por atrair novamente o Talibã para a mesa de negociações, caso isso seja possível. O Talibã respeita a China, contra quem não pesam diferendos históricos, e facções do movimento insurgente são apoiadas e protegidas por Islamabad. Os EUA são odiados pelo Talibã e o governo de Cabul só tem alguma importância aos olhos da insurgência pelas concessões que se disponha a fazer.

O Talibã aposta que poderá ganhar mais terreno com as próximas ofensivas e que as forças da OTAN terão crescente dificuldade em prosseguir como o fiel da balança, caso se acentue a fragilidade do governo de Cabul. A aposta não é irrealista: a insurgência tem colecionado vitórias militares surpreendentes, como a efêmera tomada de Kunduz, no ano passado. O governo de Ashraf Ghani se defronta com dificuldades de todo o gênero: as divisões internas, a desmotivação e a ineficiência do Exército, a gravidade da situação econômica, a profunda desilusão da população, que procura em massa refúgio no exterior. A precariedade do governo de Cabul foi reconhecida recentemente pelo Diretor da Agência Nacional de Inteligência dos Estados Unidos, James Clapper, que afirmou que o Afeganistão está em sério risco de desagregação política ainda neste ano. Clapper acrescentou ser indispensável o prosseguimento de substancial ajuda financeira externa a Cabul.

Mas a premissa para uma vitória do Talibã pela via militar é, ainda assim, que os Estados Unidos e demais países integrantes da "Resolute Support Mission" se resignem a uma derrota – premissa que o Talibã sabe perfeitamente ser de difícil realização. Como resultado, o Talibã adota, no momento, postura ambígua em relação às reuniões do Grupo de Coordenação Quadrilateral. Representantes do movimento insurgente questionam publicamente a utilidade do exercício, mas não chegam a rejeitar a possibilidade de negociar. Colocam, porém, condições: a retirada de todas as tropas estrangeiras, a exclusão do Talibã da lista do Comitê de Sanções das Nações Unidas, a reabertura do escritório político no Qatar, a libertação de prisioneiros e o levantamento da proibição de deslocamentos aéreos dos integrantes da insurgência. À exceção da primeira condição, todas as demais poderiam ser negociadas, do ponto de vista de Cabul. Enfraquecido, o presidente Ashraf Ghani chegou a qualificar os insurgentes talibãs como "opositores políticos" e não "terroristas".

Salvo pelo primeiro, e improvável, cenário – o de desagregação muito grave do Exército e do governo afegãos e de resignação a uma derrota militar por parte das forças da OTAN – o Talibã provavelmente calcula que novas vitórias militares nos próximos meses lhe darão um poder de pressão suficiente para, na mesa de negociações, conseguir maiores fatias de poder em um governo de coalizão e mudanças na Constituição para atender a seus interesses. A experiência terá mostrado aos insurgentes talibãs que dificilmente conseguiriam governar sozinhos, contra a oposição de inimigos externos poderosos. E o Talibã hoje teria a temer, caso viesse a alcançar o poder, menos os Estados Unidos e o resto do Ocidente do que seus próprios vizinhos. A vitória do islamismo radical no Paquistão representaria, para a China, a ameaça do recrudescimento da militância islâmica em Xinjiang; para o Paquistão, acarretaria o fortalecimento do Talibã paquistanês; e para a Rússia, Índia e Irã, ameaças de ordem semelhante.

Não por outra razão o porta-voz do presidente Putin, Dmitry Peskov, afirmou recentemente que a Rússia considera o Paquistão um “key player” no combate ao terrorismo e que o Comandante da infantaria russa, General Oleg Salyukov, anunciou que o país realizará neste ano, pela primeira vez, exercícios conjuntos de contra-terrorismo com o Exército paquistanês.

Um fator que poderia influir, a médio e longo prazo, na decisão do Talibã de negociar seriamente com Cabul não seriam nem gestões externas, nem vitórias militares, nem concessões, mas sim o crescimento de movimentos insurgentes rivais, tais como o Estado Islâmico e a Al Qaeda. Esse crescimento é evidente. O Estado Islâmico, no Afeganistão, tem a temer menos os drones norte-americanos que os combatentes talibãs, com quem trava sangrentas escaramuças. Mas o EI não dá mostras de enfraquecer: ao contrário, continua captando novos soldados entre talibãs descontentes com os rumos do movimento.

ECONOMIA, COMÉRCIO E INVESTIMENTOS

O PIB do país em 2014, conforme dados do Banco Mundial, foi de aproximadamente US\$ 20 bilhões e a renda per capita oscilou em torno de US\$ 600. Por setores, a agricultura responde por 24% do PIB, a indústria, por 21% e os serviços por 55%.

A indústria compreende, principalmente, a produção em pequena escala de têxteis, sabão, móveis, sapatos, fertilizantes, bebidas não-alcoólicas, água mineral, cimento, tapetes, gás natural, carvão e cobre.

Em 2015, segundo o Banco Mundial, houve deflação de 1,5%, com sensível aumento do desemprego. Ainda conforme o Banco Mundial, as reservas internacionais do país em 2014 foram US\$ 7,5 bilhões.

A deterioração das condições de segurança e a persistente instabilidade política continuam a minar a confiança do setor privado e a afetar a atividade econômica no Afeganistão. Entretanto, a economia experimentou progresso desde 2002 devido à injeção de bilhões de dólares na forma de assistência e de investimentos internacionais, bem como às remessas de afegãos expatriados.

Os recentes avanços devem-se também à maior produção agrícola e ao final de um ciclo de quatro anos de seca na maior parte do país. O desemprego atinge 35% da população e 36% das pessoas vive abaixo da linha da pobreza, sofrendo com a falta de moradia, água potável e eletricidade.

O volume total do comércio exterior afegão em 2015 foi de US\$ 3,1 bilhões, dos quais US\$ 2,7 bilhões referem-se às importações e US\$ 429 milhões às exportações.

Os principais produtos importados pelo Afeganistão incluem tanques de guerra e veículos similares, tratores, “trailers”, carros e motocicletas, autopeças, eletroeletrônicos, farinha de trigo, computadores, óleo de palma, sementes de girassol e fármacos.

As exportações afegãs incluem frutas, nozes, gomas naturais, verduras, especiarias, plantas medicinais, pérolas e pedras preciosas.

CRONOLOGIA HISTÓRICA

1919	O Afeganistão recupera a independência depois de uma terceira guerra contra as forças britânicas, que tentaram colocar o país na sua esfera de influência.
1926	Amanullah se autoproclama Rei e tenta introduzir reformas sociais, o que desperta a oposição de forças conservadoras.
1929	Amanullah refugia-se no exterior, depois de distúrbios no país ocorridos em função de suas reformas.
1933	Zahir Shah se torna Rei do Afeganistão, que viverá sob regime monárquico pelos 40 anos seguintes.
1953	O general Mohammed Daud torna-se primeiro-ministro. O país se volta para a União Soviética em busca de assistência econômica e militar. Daud introduz uma série de reformas sociais, tais como a abolição do <i>purdah</i> (prática de manter as mulheres distantes do olhar público).
1964	Início da Monarquia Constitucional, que leva à polarização política e a disputas de poder.
1973	Mohammed Daud toma o poder em golpe de Estado e proclama a República do Afeganistão. Tenta explorar a rivalidade entre a União Soviética e as potências ocidentais. Seu estilo aliena facções esquerdistas que se unem a forças oposicionistas.
1978	O general Daud é deposto e morto em um golpe perpetrado pelo Partido Democrático do Povo. As facções Khalq e Parcham, no seio do partido, se desentendem, levando ao expurgo ou exílio da maioria dos líderes da facção Parcham. Ao mesmo tempo, conservadores islâmicos e líderes étnicos que se opuseram a mudanças sociais começam uma revolta armada no campo.
1979	- A disputa de poder entre os líderes esquerdistas Hafizullah Amin e Nur Mohammed Taraki, em Cabul, é vencida por Amin. Revoltas no campo continuam e o Exército afegão enfrenta dissolução. A União Soviética acaba enviando tropas para ajudar a derrubar Amin do poder. Ele é executado. <u>Intervenção soviética.</u>
1985	Os Mujahedin se reúnem no Paquistão para formar uma aliança contra as forças soviéticas. Estima-se que metade da população afegã tenha sido desalojada pela guerra e centenas de pessoas fugiram para o Irã ou o Paquistão. O novo líder soviético, Mikhail Gorbachev, promete retirar os soldados soviéticos do Afeganistão.
1986	Os Estados Unidos começam a armar os Mujahedin com mísseis <i>Stinger</i> , permitindo que eles derrubem helicópteros bélicos soviéticos. Babrak Karmal é substituído por Najibullah à frente do regime apoiado pelos soviéticos.
1988	Afeganistão, União Soviética, Estados Unidos e Paquistão assinam acordos de paz e a União Soviética começa a retirar suas tropas do território afegão.
1989	Os últimos soldados soviéticos deixam o Afeganistão, mas a guerra civil continua e os Mujahedin tentam derrubar Najibullah.
1991	Estados Unidos e União Soviética concordam em pôr fim à ajuda militar a ambos os lados. <u>Triunfo dos Mujahedin</u>
1992	Najibullah é deposto. Milícias rivais disputam influência.
1993	Facções Mujahedin concordam em formar um novo governo e Burhanuddin Rabbani, de origem étnica tadjique, é proclamado presidente.
1994	A disputa de influência entre as facções continua e o movimento Talibã, dominado pela etnia patã, emerge como o grande rival do governo de Rabbani.
1996	O Talibã assume o controle de Cabul e introduz uma versão radical de islamismo, que proíbe as mulheres de trabalhar e impõe penas islâmicas que incluem amputações e o apedrejamento até a morte. Rabbani foge, para se unir à Aliança do Norte, que combate o Talibã.

	<u>Pressão sobre o Talibã</u>
1997	O Talibã é reconhecido como governante legítimo do país por Paquistão e Arábia Saudita. Os demais países continuam a reconhecer Rabbani como o Chefe de Estado. O Talibã passa a controlar cerca de dois terços do país.
1998	Terremotos matam milhares de pessoas. Os Estados Unidos lançam mísseis contra supostas bases do militante Osama Bin Laden, que é acusado de ser o responsável por atentados a bomba contra embaixadas norte-americanas na África.
1999	A ONU impõe embargo aéreo e sanções financeiras para forçar o Afeganistão a entregar Osama Bin Laden a julgamento.
2001	A ONU impõe novas sanções contra o Talibã para forçá-lo a entregar Osama Bin Laden; o Talibã destrói estátuas gigantescas de Buda de inestimável valor arqueológico; o Talibã obriga as minorias religiosas a usarem etiqueta de identificação como não-muçulmanas, e mulheres hindus passam a ser obrigadas a se cobrirem com burcas como as outras mulheres afegãs; oito funcionários estrangeiros de organização humanitária são julgados na Suprema Corte por promover o cristianismo. Isso ocorre depois de meses de tensão entre o Talibã e organizações assistenciais. É assassinado Ahmad Shah Masood, famoso guerrilheiro e líder da principal oposição ao Talibã; os EUA e a Grã-Bretanha bombardeiam o Afeganistão depois que o Talibã se recusou a entregar-lhes Osama Bin Laden, considerado responsável pelos ataques de 11 de setembro, nos EUA; Forças de oposição tomam Mazar-e-Sharif e, em poucos dias, marcham para Cabul e outras cidades. <u>A queda do Talibã</u>
2002	- O primeiro contingente de tropas de paz estrangeiras é enviado ao Afeganistão; o antigo Rei Zahir Shah volta ao país, mas declara que não vai reivindicar o trono; o Conselho de Segurança da ONU prorroga o mandato da Força Internacional de Assistência à Segurança (ISAF, em inglês) até dezembro de 2002; forças aliadas continuam campanha para encontrar remanescentes do Talibã e da Al-Qaeda no Sudeste do país; a <i>Loya Jirga</i> (Grande Conselho) elege Hamid Karzai como Chefe de Estado, interino. Karzai escolhe os integrantes de sua administração que ficarão nos cargos até 2004; o vice-presidente Haji Abdul Qadir é assassinado em Cabul; bombardeio norte-americano, na província de Uruzgan, mata 48 civis, vários deles convidados de uma festa de casamento; Karzai escapa por pouco de tentativa de assassinato em Kandahar, sua cidade natal; Karzai e líderes do Paquistão e do Turcomenistão assinam acordo que abre caminho para a construção de gasoduto que passa pelo Afeganistão para transportar gás natural do Turcomenistão ao Paquistão; o Banco Asiático de Desenvolvimento reinicia empréstimos ao Afeganistão após intervalo de 23 anos.
2003	Choques entre combatentes do Talibã e forças do governo na província de Candahar deixam um saldo de 49 mortos; a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) assume o controle da segurança em Cabul. Este é o primeiro compromisso operacional da Aliança de Defesa ocidental fora da Europa. <u>Nova Constituição</u>
2004	A <i>Loya Jirga</i> adota uma nova Constituição que prevê o fortalecimento do papel do presidente; o Afeganistão angaria US\$ 8,2 bilhões em ajuda; Hamid Karzai escapa do mais grave atentado à sua vida desde setembro de 2002.
2005	Realizam-se eleições parlamentares pela primeira vez em mais de trinta anos
2006	A OTAN assume a responsabilidade pela segurança em todo o território afegão. Conferência de Londres angaria US\$ 10 bilhões em doações para o Fundo de Reconstrução do Afeganistão
2007	A produção de ópio atinge volume recorde no país.
2008	Conferência de Paris arrecada mais de US\$ 20 bilhões em doações para a reconstrução.

	Ataque de militantes do Talibã à prisão de Candahar provoca a fuga de 350 insurgentes prisioneiros. Atentado contra a embaixada da Índia em Cabul deixa saldo de 40 mortos.
2009	Realizadas eleições presidenciais em 28 de agosto, com resultados contestados, diante de sinais de fraude generalizada. Um segundo turno é marcado para 07/11/2009. O candidato derrotado, o ex-Chanceler Abdullah Abdullah, renuncia ao segundo turno em outubro e Hamid Karzai é declarado reeleito presidente da República pela Comissão Eleitoral Independente.
2010	o contingente de tropas dos EUA e da ISAF recebe reforços e chega a atingir cerca de 100.000 homens. Os EUA informam que vão retirar suas forças gradualmente do país.
2010	Realiza-se a Conferência de Cabul, da qual participou significativo número de delegações (mais de 70, de alto nível): das 55 Delegações nacionais inscritas na lista de oradores, 41 eram chefiadas por ministros do Exterior. Entre essas, destacam-se as delegações dos EUA, Rússia, China, Reino Unido, França, Japão, Alemanha, Itália, Canadá, Índia e Paquistão. Das 10 delegações de organismos internacionais que intervieram, oito eram chefiadas por Secretário-Geral, entre as quais OIC e OTAN. (Registre-se que o Brasil foi o único país latino-americano representado na Conferência).
2014	Nas eleições presidenciais, Ashraf Ghani, venceu com 56,44% dos votos. Ashraf Ghani e seu opositor, Abdullah Abdullah firmaram um compromisso segundo o qual Ghani foi Confirmado na Presidência, tendo Abdullah preenchido o cargo de Chefe do Executivo.

CRONOLOGIA DAS RELAÇÕES BILATERAIS

1979	O Brasil não reconhece o regime instalado por força da intervenção da antiga União Soviética no país.
1996	Com a tomada de poder, no Afeganistão, pelo movimento islâmico radical Talibã, o Brasil suspende as relações bilaterais e mantém seu reconhecimento ao governo islâmico moderado de Burhanuddin Rabbani como legítimo representante do Afeganistão.
2001	O Brasil reconhece a Autoridade Interina do Afeganistão, constituída no final de 2001.
2002	O Brasil acolhe grupo de 23 refugiados afegãos sob a proteção do Alto Comissariado para Refugiados das Nações Unidas (ACNUR).
2004	O Brasil retoma relações diplomáticas com o país. O embaixador, não residente, do Afeganistão apresenta credenciais ao governo brasileiro. O embaixador do Brasil em Islamabad recebe <i>agrément</i> como representante diplomático brasileiro junto ao governo afegão
2006	O então ministro de Estado participa, em Londres, da Conferência Internacional sobre o Afeganistão e oferece cooperação técnica ao país como gesto de apoio à sua reconstrução. O embaixador, não residente, do Afeganistão, Said Tayeb Jawad, visita o Brasil. Assinado Acordo-Quadro de Cooperação Técnica entre os dois países. O presidente Hamid Karzai mantém encontro bilateral com o ex-presidente Lula - e o então ministro das Relações Exteriores, com o chanceler Rangin Spanta , à margem da 61 ^a AGNU.
2008	O então Subsecretário-Geral de Cooperação e Promoção Comercial do MRE representa o Brasil na Conferência Internacional de Apoio ao Afeganistão, em Paris, e anuncia a doação brasileira de US\$ 100 mil ao Fundo Fiduciário de Reconstrução do Afeganistão. Encontro bilateral entre o ministro de estado e o chanceler Spanta, por ocasião da Aliança das Civilizações e à margem da 63 ^a AGNU, oportunidade em que o presidente Lula mantém novo encontro bilateral com o presidente Karzai. O embaixador não residente do Afeganistão, Said Tayeb Jawad, realiza sua segunda visita ao Brasil.

2009	O embaixador do Brasil em Islamabad, Alfredo Leoni, comparece à posse do presidente reeleito Hamid Karzai, em 19.11.2009.
2010	O embaixador Said Jawad visita o Brasil pela terceira vez.
2010	Decreto de criação da embaixada residente do Brasil em Cabul
2012	Abertura da embaixada do Afeganistão em Brasília
2015	Fechamento da embaixada do Afeganistão em Brasília
2016	Decreto determinando que a embaixada em Cabul volte a ser cumulativa com a embaixada em Islamabad. O mesmo Decreto determina que essa medida seja de caráter temporário, enquanto não estiverem reunidas as condições para a abertura de uma embaixada residente em Cabul.

ATOS BILATERAIS

Título	Data de Celebração	Entrada em Vigor	Promulgação	
			Decreto nº	Data
Tratado de Amizade	20/02/1933	23/12/1937	2306	02/02/1938
Acordo Básico de Cooperação Técnica	01/08/2006	02/02/2010	7088	01/02/2010

Principais indicadores socioeconômicos do Afeganistão

Indicador	2013	2014	2015 ⁽¹⁾	2016 ⁽¹⁾	2017 ⁽¹⁾
Crescimento real do PIB (%)	3,93%	1,28%	1,47%	2,02%	3,05%
PIB nominal (US\$ bilhões)	20,17	20,44	19,20	17,28	17,45
PIB nominal "per capita" (US\$)	660	654	600	528	521
PIB PPP (US\$ bilhões)	59,07	60,81	62,32	64,20	67,07
PIB PPP "per capita" (US\$)	1.933	1.944	1.947	1.961	2.004
População (milhões de habitantes)	30,55	31,28	32,01	32,74	33,47
Inflação (%) ⁽²⁾	7,24%	1,49%	0,08%	2,88%	4,79%
Saldo em transações correntes (% do PIB)	7,88%	7,85%	4,54%	3,35%	0,23%
Câmbio (Af / US\$) ⁽²⁾	55,38	57,25	n.d.	n.d.	n.d.

Origem do PIB (2015 Estimativa)

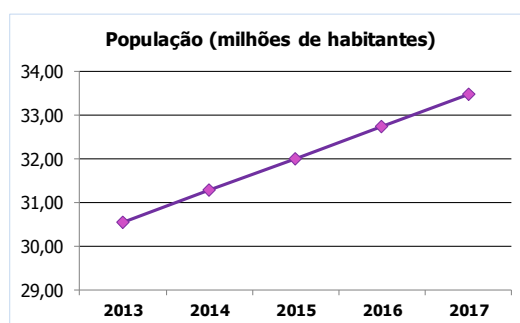
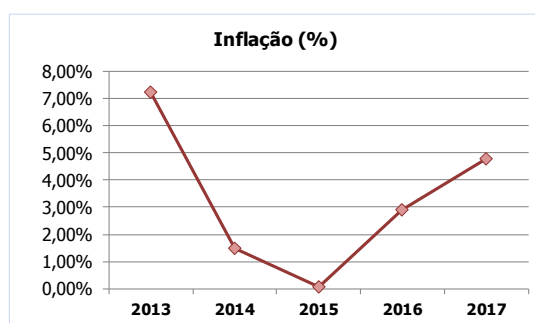
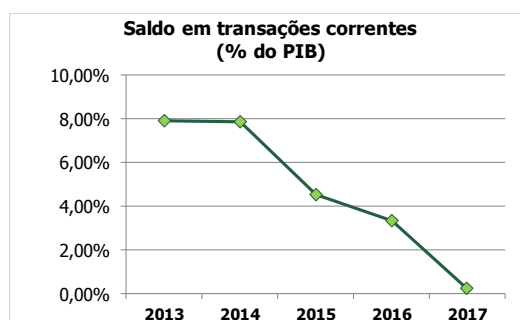
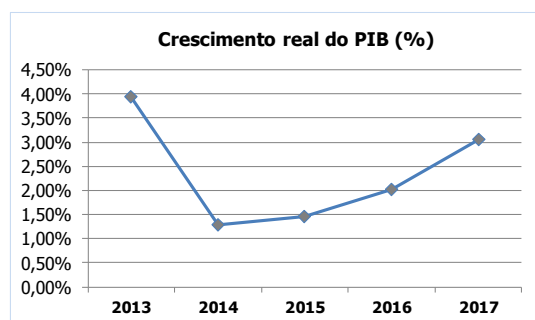
Agricultura	24,0%
Indústria	21,0%
Serviços	55,0%

Elaborado pelo MRE/DPR/DIC - Divisão de Inteligência Comercial, com base nos dados do IMF - World Economic Outlook Database, April 2016 e da EIU, Economist Intelligence Unit, Country Report 1st Quarter 2016.

(n.d.) Dado não disponível.

(1) Estimativas FMI e EIU.

(2) Média de fim de período.



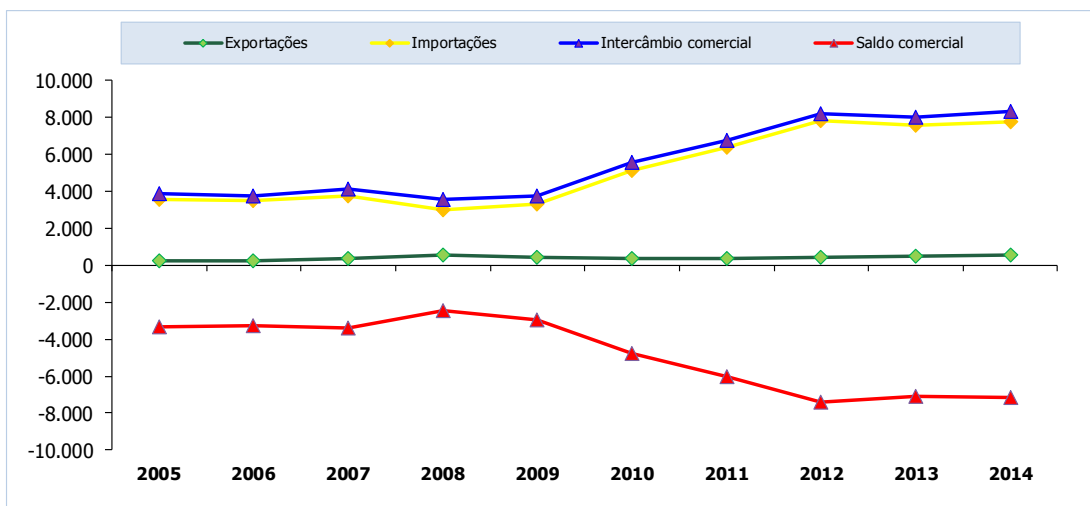
Evolução do comércio exterior do Afeganistão
US\$ milhões

Anos	Exportações		Importações		Intercâmbio comercial		Saldo comercial
	Valor	Var. % em relação ao ano anterior	Valor	Var. % em relação ao ano anterior	Valor	Var. % em relação ao ano anterior	
2005	265	28,1%	3.588	84,6%	3.852	79,2%	-3.323
2006	253	-4,5%	3.512	-2,1%	3.764	-2,3%	-3.259
2007	352	39,2%	3.771	7,4%	4.123	9,5%	-3.420
2008	540	53,6%	3.020	-19,9%	3.560	-13,7%	-2.480
2009	403	-25,3%	3.336	10,5%	3.740	5,1%	-2.933
2010	388	-3,7%	5.154	54,5%	5.543	48,2%	-4.766
2011	376	-3,3%	6.390	24,0%	6.766	22,1%	-6.014
2012	402	6,9%	7.794	22,0%	8.196	21,1%	-7.393
2013	464	15,5%	7.559	-3,0%	8.023	-2,1%	-7.095
2014	571	23,0%	7.729	2,3%	8.300	3,5%	-7.159
Var. % 2005-2014	115,6%	--	115,4%	--	115,4%	--	n.c.

Elaborado pelo MRE/DPR/DIC - Divisão de Inteligência Comercial, com base em dados da UN/UNCTAD/ITC/TradeMap, May 2016.

Última posição disponível em 27/04/2016.

(n.c.) Dado não calculado, por razões específicas.

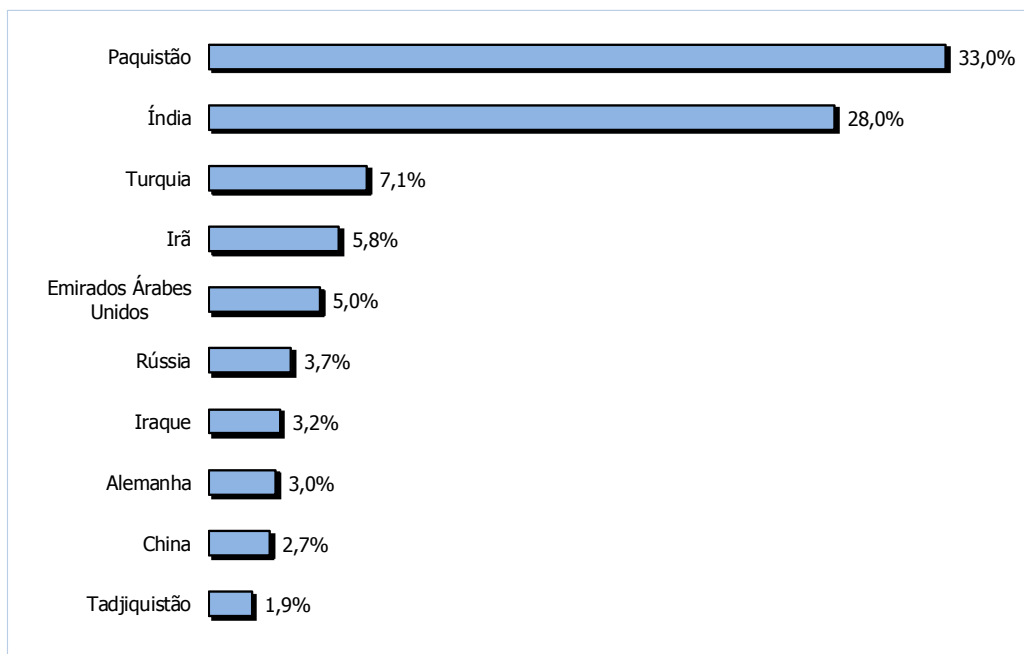


Direção das exportações do Afeganistão
US\$ milhões

Países	2 0 1 4	Part.% no total
Paquistão	188,4	33,0%
Índia	160,0	28,0%
Turquia	40,4	7,1%
Irã	33,4	5,8%
Emirados Árabes Unidos	28,3	5,0%
Rússia	21,1	3,7%
Iraque	18,1	3,2%
Alemanha	17,0	3,0%
China	15,5	2,7%
Tadjiquistão	10,9	1,9%
...		
<i>Brasil (23ª posição)</i>	<i>0,7</i>	<i>0,1%</i>
Subtotal	533,8	93,6%
Outros países	36,8	6,4%
Total	570,5	100,0%

Elaborado pelo MRE/DPR/DIC - Divisão de Inteligência Comercial, com base em dados da UN/UNCTAD/ITC/TradeMap, May 2016.
Última posição disponível em 27/04/2016.

10 principais destinos das exportações

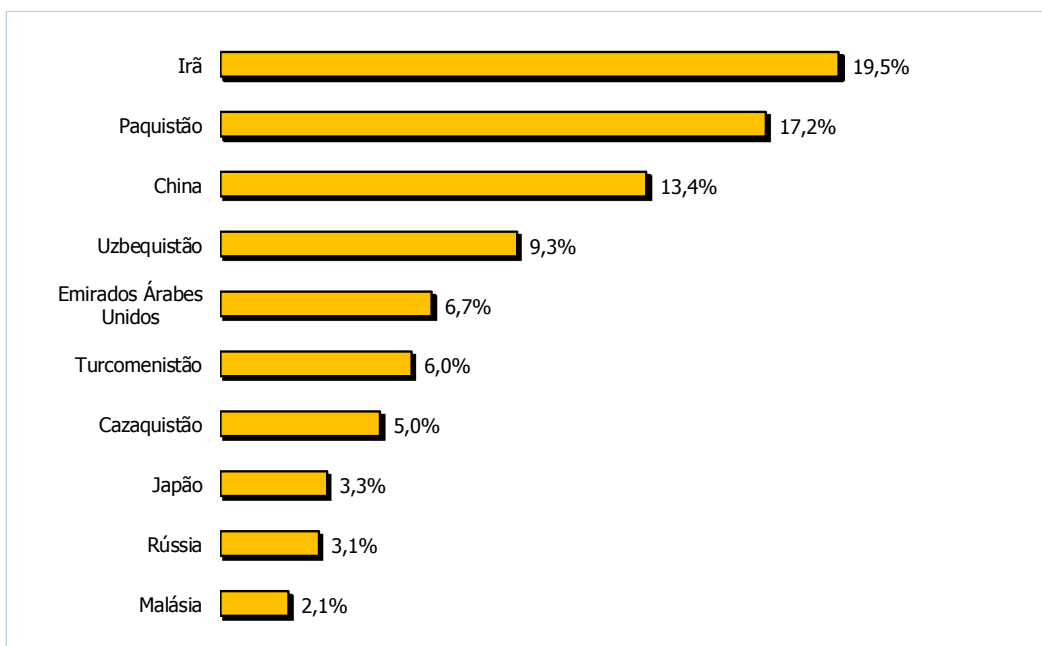


Origem das importações do Afeganistão
US\$ milhões

Países	2 0 1 4	Part.% no total
Irã	1.506	19,5%
Paquistão	1.328	17,2%
China	1.038	13,4%
Uzbequistão	722	9,3%
Emirados Árabes Unidos	515	6,7%
Turcomenistão	465	6,0%
Cazaquistão	390	5,0%
Japão	259	3,3%
Rússia	239	3,1%
Malásia	166	2,1%
...		
<i>Brasil (21ª posição)</i>	<i>20</i>	<i>0,3%</i>
Subtotal	6.648	86,0%
Outros países	1.081	14,0%
Total	7.729	100,0%

Elaborado pelo MRE/DPR/DIC - Divisão de Inteligência Comercial, com base em dados da UN/UNCTAD/ITC/TradeMap, May 2016.
Última posição disponível em 27/04/2016.

10 principais origens das importações

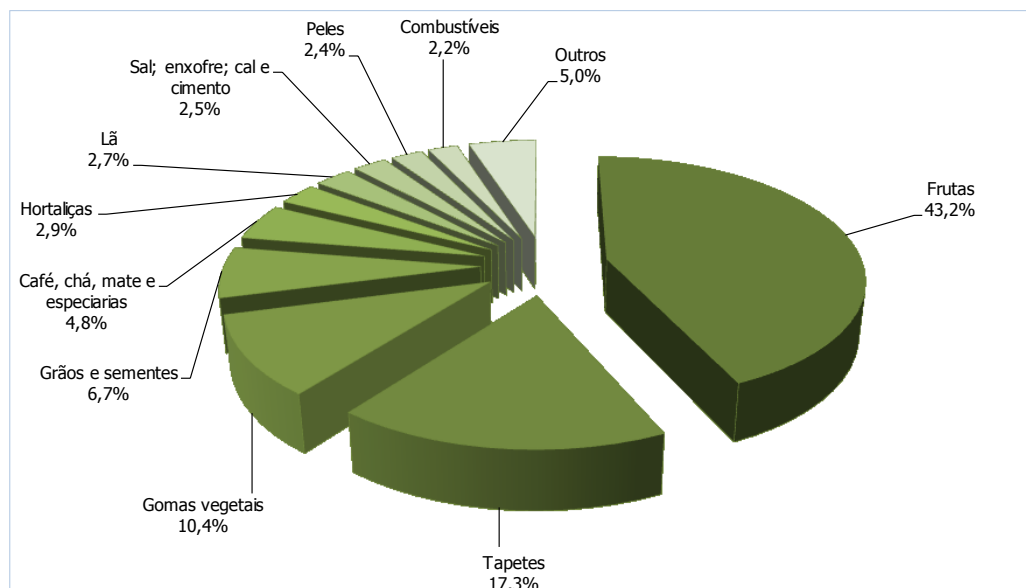


Composição das exportações do Afeganistão
US\$ milhões

Grupos de Produtos	2 0 1 4	Part.% no total
Frutas	246,6	43,2%
Tapetes	98,6	17,3%
Gomas vegetais	59,4	10,4%
Grãos e sementes	37,9	6,7%
Café, chá, mate e especiarias	27,3	4,8%
Hortalças	16,4	2,9%
Lã	15,4	2,7%
Sal; enxofre; cal e cimento	14,3	2,5%
Peles	13,4	2,4%
Combustíveis	12,4	2,2%
Subtotal	541,9	95,0%
Outros	28,6	5,0%
Total	570,5	100,0%

*Elaborado pelo MRE/DPR/DIC - Divisão de Inteligência Comercial, com base em dados da UN/UNCTAD/ITC/TradeMap, May 2016.
Última posição disponível em 27/04/2016.*

10 principais grupos de produtos exportados

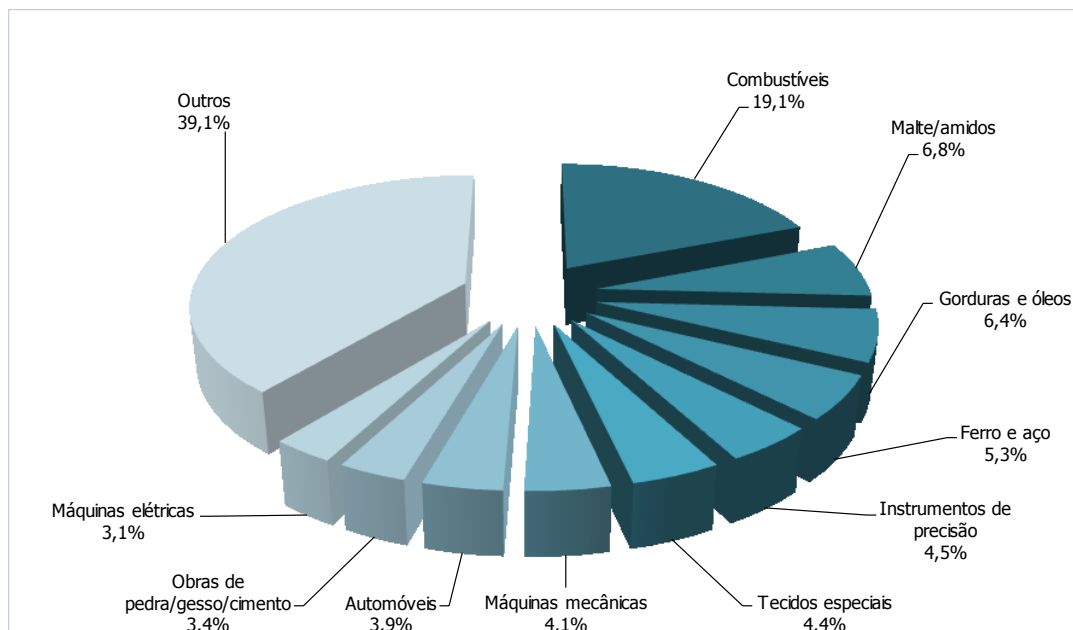


Composição das importações do Afeganistão
US\$ milhões

Grupos de produtos	2 0 1 4	Part.% no total
Combustíveis	1.474	19,1%
Malte/amidos	523	6,8%
Gorduras e óleos	491	6,4%
Ferro e aço	413	5,3%
Instrumentos de precisão	349	4,5%
Tecidos especiais	341	4,4%
Máquinas mecânicas	319	4,1%
Automóveis	301	3,9%
Obras de pedra/gesso/cimento	259	3,4%
Máquinas elétricas	238	3,1%
Subtotal	4.709	60,9%
Outros	3.020	39,1%
Total	7.729	100,0%

Elaborado pelo MRE/DPR/DIC - Divisão de Inteligência Comercial, com base em dados da UN/UNCTAD/ITC/TradeMap, May 2016.
Última posição disponível em 27/04/2016.

10 principais grupos de produtos importados



Evolução do intercâmbio comercial Brasil - Afeganistão

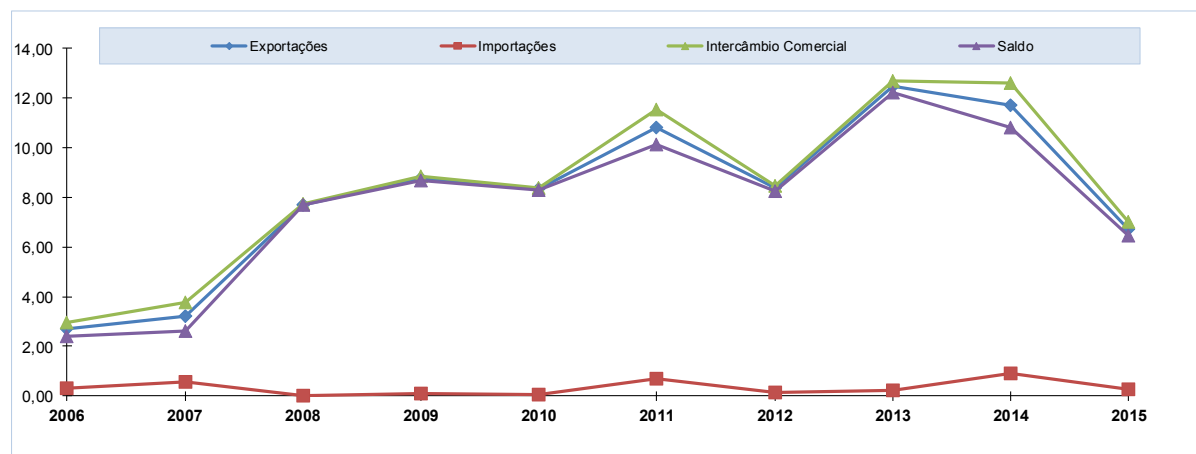
US\$ milhões

Anos	Exportações			Importações			Intercâmbio Comercial			Saldo
	Valor	Var.%	Part. % no total do Brasil	Valor	Var.%	Part. % no total do Brasil	Valor	Var.%	Part. % no total do Brasil	
2006	2,68	84,8%	0,00%	0,29	-8,7%	0,00%	2,98	105,0%	0,00%	2,39
2007	3,21	19,6%	0,00%	0,58	97,8%	0,00%	3,79	27,3%	0,00%	2,63
2008	7,72	140,5%	0,00%	0,02	-97,1%	0,00%	7,73	104,1%	0,00%	7,70
2009	8,76	13,6%	0,01%	0,10	480,3%	0,00%	8,86	14,6%	0,00%	8,67
2010	8,35	-4,7%	0,00%	0,04	-63,2%	0,00%	8,39	-5,4%	0,00%	8,32
2011	10,83	29,7%	0,00%	0,69	(+)	0,00%	11,53	37,4%	0,00%	10,14
2012	8,37	-22,8%	0,00%	0,12	-82,4%	0,00%	8,49	-26,4%	0,00%	8,24
2013	12,47	49,0%	0,01%	0,24	99,5%	0,00%	12,71	49,8%	0,00%	12,22
2014	11,72	-6,0%	0,01%	0,91	273,9%	0,00%	12,63	-0,6%	0,00%	10,81
2015	6,73	-42,6%	0,00%	0,28	-69,1%	0,00%	7,01	-44,5%	0,00%	6,45
2016 (jan-abr)	1,96	42,9%	0,00%	0,06	-37,0%	0,00%	2,02	38,0%	0,00%	1,91
Var. % 2006-2015	151,0%	--	--	-4,2%	--	--	135,7%	--	--	n.c.

Elaborado pelo MRE/DPR/DIC - Divisão de Inteligência Comercial, com base em dados do MDIC/SECEX/Aliceweb, Maio de 2016.

(+) Variação superior a 1.000%.

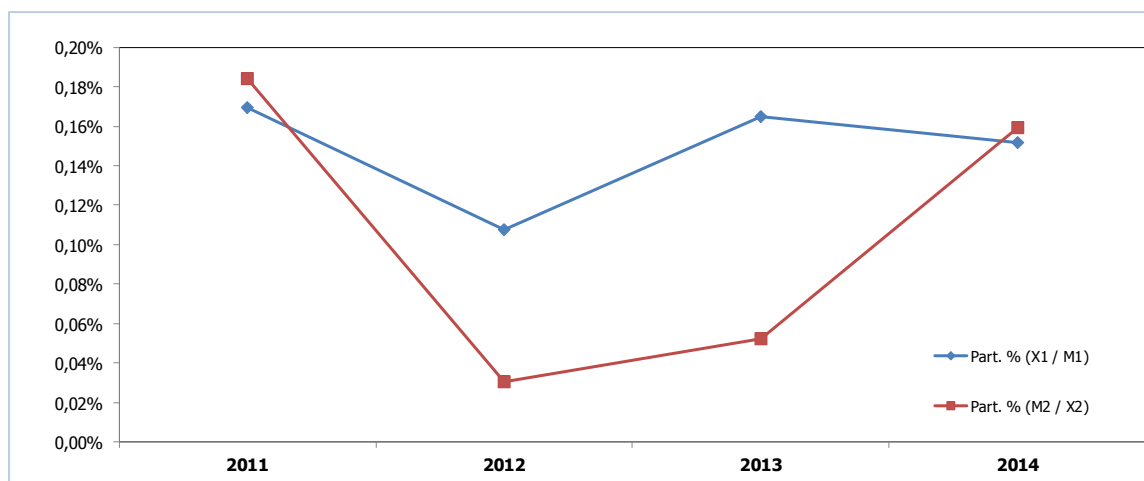
(n.c.) Dado não calculado, por razões específicas.



Part. % do Brasil no comércio do Afeganistão
US\$ milhões

Descrição	2010	2011	2012	2013	2014	Var. % 2010-2014
Exportações do Brasil para o Afeganistão (X1)	8,4	10,8	8,4	12,5	11,7	40,4%
Importações totais do Afeganistão (M1)	5.154	6.390	7.794	7.559	7.729	50,0%
Part. % (X1 / M1)	0,16%	0,17%	0,11%	0,16%	0,15%	-6,4%
Importações do Brasil originárias do Afeganistão (M2)	0,036	0,692	0,122	0,243	0,910	2427,7%
Exportações totais do Afeganistão (X2)	376	376	402	464	571	51,8%
Part. % (M2 / X2)	0,01%	0,18%	0,03%	0,05%	0,16%	1565,2%

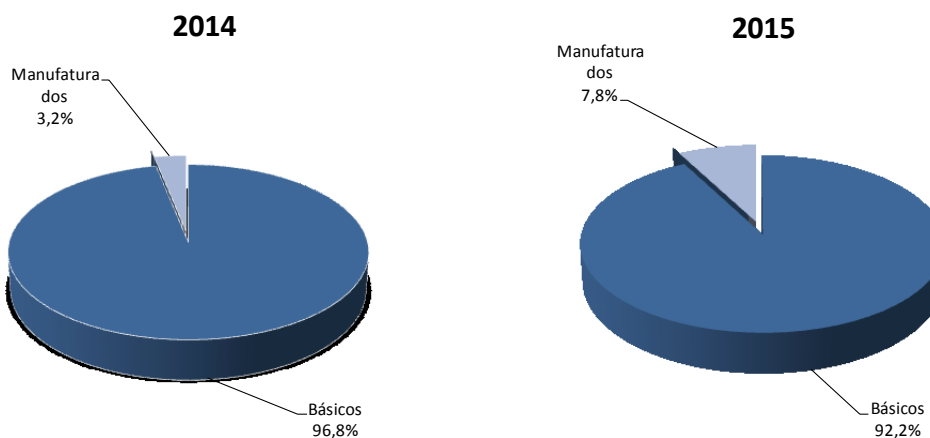
*Elaborado pelo MRE/DPR/DIC - Divisão de Inteligência Comercial, com base em dados do MDIC/SECEX/AliceWeb e UN/UNCTAD/ITC/TradeMap.
As discrepâncias observadas nas estatísticas das exportações brasileiras e das importações do Afeganistão e vice-versa explicam-se pelo uso de fontes distintas e também por diferentes metodologias de cálculo.*



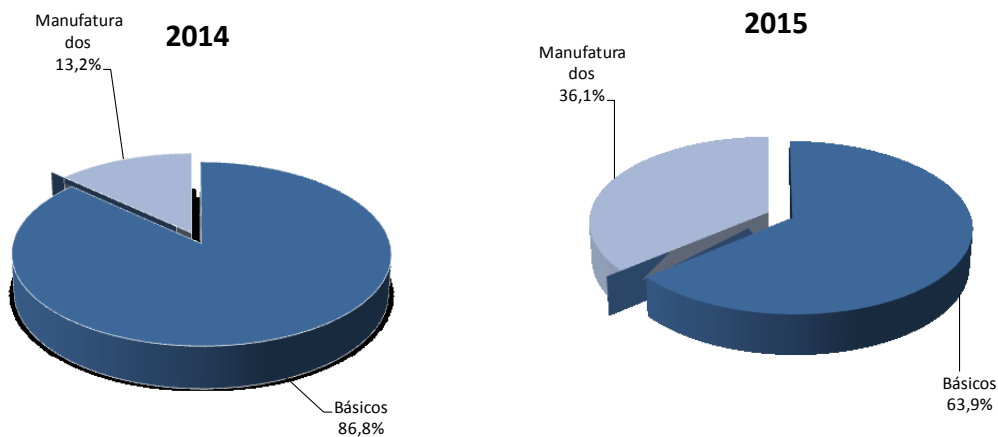
Exportações e importações brasileiras por fator agregado

Comparativo 2015 com 2014

Exportações Brasileiras⁽¹⁾



Importações Brasileiras



Elaborado pelo MRE/DPR/DIC - Divisão de Inteligência Comercial, com base em dados do MDIC/SECEX/Aliceweb, Maio de 2016.

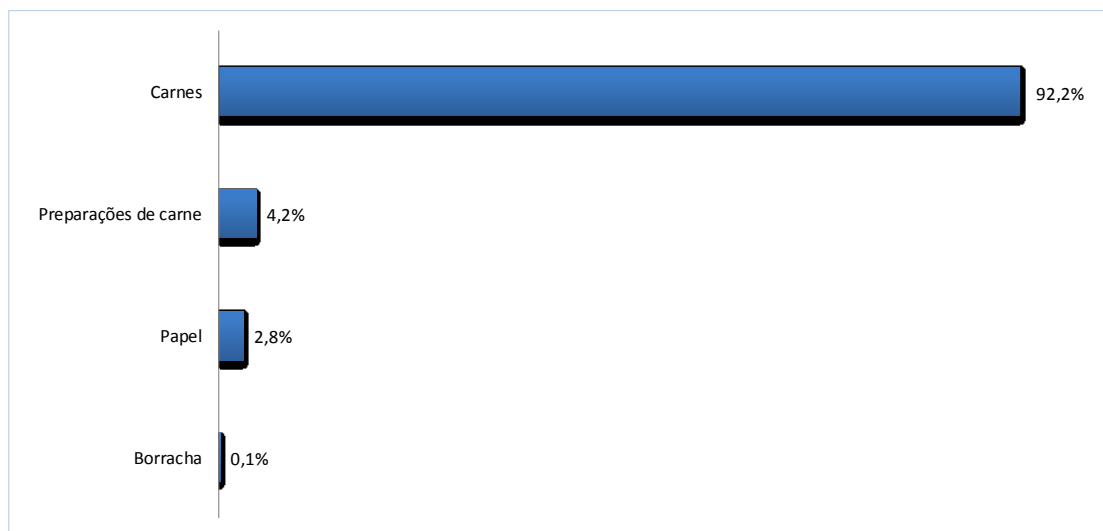
(1) Exclusive transações especiais.

Composição das exportações brasileiras para o Afeganistão
US\$ milhões

Grupos de Produtos	2013		2014		2015	
	Valor	Part.% no total	Valor	Part.% no total	Valor	Part.% no total
Carnes	12,03	96,4%	11,35	96,8%	6,21	92,2%
Preparações de carne	0,15	1,2%	0,30	2,6%	0,28	4,2%
Papel	0,00	0,0%	0,00	0,0%	0,19	2,8%
Borracha	0,00	0,0%	0,00	0,0%	0,004	0,1%
Subtotal	12,18	97,7%	11,65	99,4%	6,68	99,3%
Outros produtos	0,29	2,3%	0,07	0,6%	0,05	0,7%
Total	12,47	100,0%	11,72	100,0%	6,73	100,0%

Elaborado pelo MRE/DPR/DIC - Divisão de Inteligência Comercial, com base em dados do MDIC/SECEX/Aliceweb, Maio de 2016.

Principais grupos de produtos exportados pelo Brasil, 2015

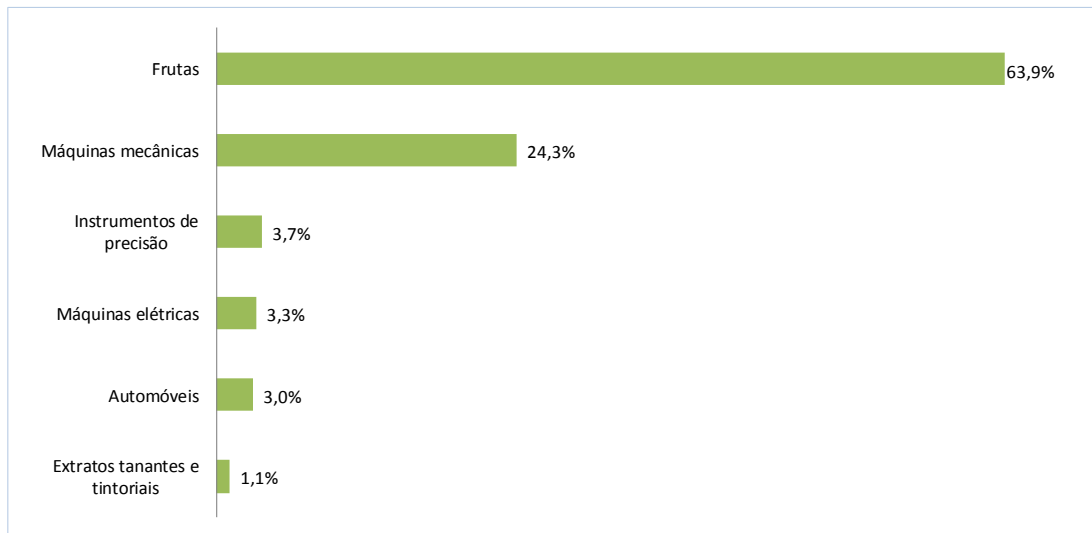


Composição das importações brasileiras originárias do Afeganistão
US\$ mil

Grupos de Produtos	2013		2014		2015	
	Valor	Part.% no total	Valor	Part.% no total	Valor	Part.% no total
Frutas	32,6	13,4%	789,8	86,8%	179,5	63,9%
Máquinas mecânicas	194,4	79,9%	5,5	0,6%	68,3	24,3%
Instrumentos de precisão	0,9	0,4%	2,3	0,3%	10,4	3,7%
Máquinas elétricas	3,7	1,5%	71,8	7,9%	9,1	3,3%
Automóveis	7,3	3,0%	13,4	1,5%	8,4	3,0%
Extratos tanantes e tintoriais	0,0	0,0%	0,0	0,0%	3,1	1,1%
Subtotal	238,9	98,2%	882,8	97,0%	278,8	99,3%
Outros produtos	4,4	1,8%	26,9	3,0%	2,0	0,7%
Total	243,3	100,0%	909,7	100,0%	280,9	100,0%

Elaborado pelo MRE/DPR/DIC - Divisão de Inteligência Comercial, com base em dados do MDIC/SECEX/Aliceweb, Maio de 2016.

Principais grupos de produtos importados pelo Brasil, 2015



Composição do intercâmbio comercial (dados parciais)
US\$ mil

Grupos de Produtos	2 0 1 5 (jan-abr)	Part. % no total	2 0 1 6 (jan-abr)	Part. % no total	Principais grupos de produtos exportados pelo Brasil em 2016
Exportações					
Carnes	1.242	90,4%	1.877	95,7%	
Produtos farmacêuticos	0	0,0%	28	1,4%	
Preparações de carne	129	9,4%	27	1,4%	
Madeira	0	0,0%	24	1,2%	
Subtotal	1.370	99,8%	1.957	99,7%	
Outros produtos	3	0,2%	5	0,3%	
Total	1.373	100,0%	1.963	100,0%	

Grupos de Produtos	2 0 1 5 (jan-abr)	Part. % no total	2 0 1 6 (jan-abr)	Part. % no total	Principais grupos de produtos importados pelo Brasil em 2016
Importações					
Automóveis	0,00	0,0%	22,72	40,5%	
Ferramentas	0,00	0,0%	15,05	26,8%	
Instrumentos de precisão	6,26	7,0%	7,63	13,6%	
Máquinas mecânicas	0,15	0,2%	6,30	11,2%	
Obras de ferro ou aço	0,05	0,1%	1,74	3,1%	
Plásticos	0,00	0,0%	1,52	2,7%	
Máquinas elétricas	9,12	10,2%	1,11	2,0%	
Subtotal	15,57	17,5%	56,08	100,0%	
Outros produtos	73,48	82,5%	0,00	0,0%	
Total	89,05	100,0%	56,08	100,0%	

Elaborado pelo MRE/DFR/DIC - Divisão de Inteligência Comercial, com base em dados do MDIC/SECEX/Aliceweb, Maio de 2016.